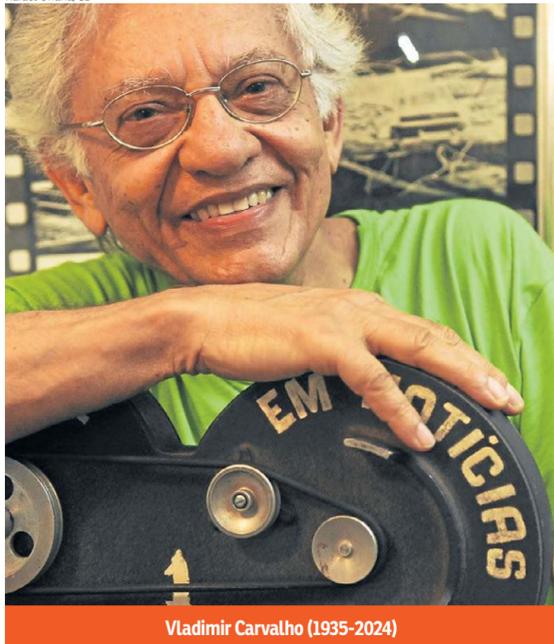


Rafael Ohana/CB



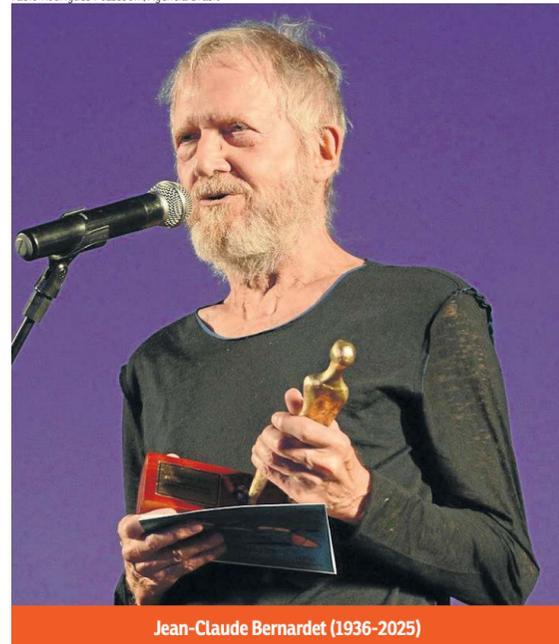
Vladimir Carvalho (1935-2024)

Janine Moraes/CB/DA Press



Silvio Tendler (1950-2025)

Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



Jean-Claude Bernardet (1936-2025)

Os documentaristas Vladimir Carvalho e Silvio Tendler e o ensaísta Jean-Claude Bernardet são reverenciados no Festival de Brasília por suas contribuições à consolidação desse grande evento do cinema nacional

HOMENAGEM AOS

mestres



» RICARDO DAEHN

Há quase 30 anos, foi a imortal Fernanda Montenegro quem cravou, numa passagem pela capital, com protesto no qual pleiteou a revisão nos cortes destinados ao audiovisual, a dimensão do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro: “Contar a história deste festival é contar a história da cultura neste país”. Na ocasião, ela emendou ser a cultura “o coração da matéria”. Figura de honra na edição do 58º Festival, a atriz, naqueles discursos, parecia alinhar pensamentos e esforços de três colegas que deram bases para o tradicional evento que prossegue no Cine Brasília até o próximo sábado: o ensaísta Jean-Claude Bernardet (morto há dois meses) e a dupla de documentaristas Silvio Tendler (que partiu no início do mês) e Vladimir Carvalho (falecido há 11 meses). Todos eles são lembrados nesta edição do festival, que teve a mostra competitiva iniciada ontem. Hoje, às 14h, os filmes *Homenagem a Kiarostami* e *Os ruminantes*, no Teatro Sesc Silvio Barabato (SCS), saúdam, por exemplo, Bernardet.

A tríade citada acima fomentava debates e protestos sempre atrelados à palpitação do Festival de Brasília. Folhear a publicação *Cineastas e imagens do povo* (de autoria de Bernardet) traz a pérola da reunião

dos três, em capítulo que, de quebra, versa sobre a capital. *Os anos JK: como fala a história?* trata do clássico documentário de Tendler, que com o diretor teria formulado “a redenção dos aborrecidos cinejornais (da época)”. Seria o acaso da “crônica dos vencedores”, centrada nos louros a autoridades, políticos e militares; com afiada lente, Tendler ceifaria tons oficiais. Neste mesmo escrito de Bernardet, ele consagra Vladimir, pela obra *Brasília segundo Feldman*: “O filme não se interessa pela figura do candango, mas pelos candangos, por sua vida, suas condições de trabalho”.

Brasília, como vitrine potente de cinema, regozijou-se com a interferência de Vladimir no seu cotidiano, atento ao cinema de seu interesse: aquele que capta “as relações diretas do homem com a natureza, com os outros homens, com a sobrevivência, com os símbolos”, como certa vez definiu. Curioso que, em 2006, a disputa por prêmios Candango tenha confrontado *Encontro com Milton Santos* (de Tendler) com *O engenho de Zé Lins* (de Vladimir), criados por diretores combativos à ditadura. Nisso, uma análise do histórico do festival dá equiparação aos talentos e às oportunidades: Vladimir apresentou *Rock Brasília — Era de Ouro* (2011), trouxe *Giocando Dias — Ilustre clandestino* (2019) e *Barra 68 — Sem perder a ternura* (2000),

tudo fora de competição.

O inconformismo brotava em muitos gestos do mestre Vladimir, que, na imprensa, observou: “O subdesenvolvimento, um verdadeiro karma na minha vida, voltou a me perseguir. Como é que na cara do poder viceja chaga de tal dimensão?”. Nesse naipe de sentimentos, o autor do unânime *Conterrâneos velhos de guerra* (1990) atacava, na denúncia das “misérias” que cercavam os “reais” construtores da capital, depois de ser alvo dos picotes e tentativas de cala-boca como no caso de *O País de São Saruê* (recusado na seleção pela Fundação Cultural, em 1971) e que atravessou década, até a consagração em 1979, quando a obra forjou a criação do Prêmio Especial do Júri (com instituição de diploma e troféu). Vencedor da menção especial do Clube de Cinema de Brasília, por *A bolandeira* (1969), o mestre Vladimir recebeu a Homenagem ao Cinema Brasiliense (pelo curta *O espírito criador do povo brasileiro*, em 1975) e, em 1977, ainda disputou Candangos, à frente de dois curtas: *Quilombo* e *Mutirão*.

Arsenal de memórias

Peça fundamental do festival de cinema, Carvalho, atento ao acervo de imagens sobre a memória, criou em 1998 o

troféu Conterrâneos, atribuído dado o esforço da criação da Fundação Cine-memória. O zelo pelo evento o fazia esbravejar, em ocasiões como a da transferência do evento para as salas do ParkShopping. “Na maioridade, o Festival vai virar garoto propaganda de eletrodomésticos?!” esbravejou, por exemplo. Noutro momento, ressentia da falta de debate, de ideias, e de “projeto cultural” atrelado aos festejos. “Nós somos hospedeiros de um pequenique cinematográfico. O Festival de Brasília perdeu em essência, visão e brilho. É um festival de carregação, as pessoas vêm aqui se banhar nas piscinas dos hotéis”, ironizou, à época do vicejo.

Na 58ª edição que festeja Cacá Diegues (outro pilar do cinema, e que tem as memórias estampadas no longa *Para Vigo me voy!*, a ser exibido hoje, às 15h, no Cine Brasília), sente-se o peso da história (feita agora, na nossa cara) organizada em ecos, “positivos e negativos”, como definiu Bernardet, que almejava, como pensador ver o “povo consciente”, alerta para os “problemas atuais” e desenvolvimento nas “formas de ação e de agressividade”. Reinventado, Bernardet se fez ator (ao mesmo tempo em que perdia o sentido da visão), tendo atuado em filmes como *Fome* (2015) e *Pingo d’água* (2014). Ele venceu Candango de melhor ator, em 2008, pelo impactante longa *Filme-fobia*. Multiplicidade legítima do premiado roteirista de filmes como *Hoje* (2011), *Um céu de estrelas* (1996) e do clássico *O caso dos irmãos Naves* (1967), todos premiados na capital.

Igualmente associado a vigor e revitalização, coube a Silvio Tendler, entre outros legados, o de comandar o veio artístico da edição de 2020 do Festival, em plena pandemia — 24 anos depois de na 29ª haver prometido, como gestor, a realização do “festival que nós cineastas sempre sonhamos em fazer”, trazendo a exuberância de talentos estreantes como Tata Amaral, Lírio Ferreira e Paulo Caldas. Caprichos do autor do emblemático documentário *Glauber — o filme, Labirinto do Brasil*, de 2003, agora carregado nos ecos da história, como diria Bernardet.

»Entrevista | KLEBER MENDONÇA FILHO | CINEASTA

O tubarão e a perna cabeluda

Fomentar debates e alimentar a circulação de ideias são funções primordiais no cinema proposto por Kleber Mendonça Filho, que projeta como modelo exemplos de filmes duradouros, como *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969) e *São Paulo S/A* (1965). A visão histórica do criador de sucessos como *Bacurau* e *Aquarius casa à luvã com a disposição do 58º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro*, plataforma de pré-lançamento de *O agente secreto*, exibido na abertura do evento, duplamente premiado no Festival de Cannes (com direito a melhor ator para Wagner Moura), desde já, cotado para o Oscar, e que chega aos cinemas em novembro. Brasília teve o privilégio de assistir com antecedência ao filme, em duas disputadas pré-estreias, e de travar contato direto com o realizador pernambucano, eleito Melhor diretor em Cannes. Observador do “trauma de memória” aplicado no Brasil, dada a anistia em fins dos anos 1970, entre outras coisas, ele demarca a “quebra na formação espiritual do nosso país”, além de não endossar esquecimentos coletivos. Na frente de celebração com o novo longa, ele afirma: “Este filme tem tido uma carreira muito prestigiosa e internacional. Estávamos nos Estados Unidos

João Pedro Carvalho - CB/DA Press



e teve uma sessão especial na Academia de Artes e Ciências Cinematográficas (que vota o Oscar), em Los Angeles. A reação ao filme é muito forte por sinal. Uma percepção universal, por mais que o longa seja extremamente brasileiro.”

Com que ânimo veio ao festival?

Hoje, aos 60 anos de festival, fico muito orgulhoso e feliz de colaborar com a história dele, oferecendo o longa para o evento. É um filme muito brasileiro no sentido de que ele olha para a história do país. Mas, na verdade, ele está olhando também para um período contemporâneo do país que, felizmente, está acabando essa semana, de uma maneira muito oficial, muito marcada.

Cotado para o Oscar, é difícil não comparar O agente com Ainda estou aqui... O que diz?

Eu vi *Ainda estou aqui* (filme nacional vencedor do Oscar) no Festival de Veneza. Comentei com Walter Salles (diretor daquele longa): “Existem dois irmãos que nunca se falaram, e não sabem um da existência do outro — *O agente secreto* e *Ainda estou aqui*. Ao dizer isso, acho que vejo a raiz de tudo, nos filmes de memória, de história, mas que têm estilos diferentes e têm pontos de vista diferentes. Acho incrível que os filmes se comuniquem e causem soma. O Walter Salles vai participar de uma conversa comigo no Museu da Academia (Los Angeles), no dia 19 de outubro.

Como conecta um tubarão e a perna cabeluda, elementos inesperados no filme?

Recife é uma cidade praieira. Lá, *Tubarão* (o filme de 1975) também foi um fenômeno cultural, com o impacto da obra do Spielberg, em fins dos anos 1970. E lá existe o problema real com tubarão. Tudo isso, juntando, compõe parte com sentido para o filme. Quanto à perna cabeluda, explico: foi uma invenção do jornalismo policial dos anos 1970 no Recife, como um código para o que a polícia fez ontem à noite — espancou pessoas, levou para o hospital ou para prisão. Eles não podiam dizer abertamente o que aconteceu, e aí inventaram o código da perna cabeluda, que virou uma lenda urbana. Eu, criança, ouvia minha mãe, lendo o jornal em voz alta: “Mas isso (escrito) é muito estranho. Não está no suplemento literário; está na página de polícia!”. E se lia: “A perna cabeluda

veio quicando e atacou pessoas no Parque Treze de Maio”. É absurdo, é muito irrevolvente, é muito Recife.

Recife é personagem do filme, praticamente...

O centro do Recife que eu frequentava, desde criança, com meus pais. Lá, há a cacofonia incrível. Isso está no filme. Entra o pastor, gritando; o poeta da rua, gritando, irritando. Isso no meio dos ônibus, dos carros, das motos. Os vendedores, gente tocando no piano músicas do Richard Clayderman, sons do Kenny G. Conversei muito com a equipe de som que eu precisava de todos esses sons na mixagem. Este é o centro da cidade. Precisava da personalidade brasileira e de Recife.

Há menção, ao fim do filme, de 1,3 mil empregados que trabalharam no longa, e a afirmação de cinema como formatação de indústria. É uma prestação de contas?

A mensagem já estava no filme *Bacurau*, no momento em que o cinema foi desmontado, em que a cultura foi desrespeitada e o MinC foi extinto. É uma maneira de lembrar que a cultura é feita por trabalhadores, por homens, mulheres que trabalham todos os dias, fazendo cultura, teatro cinema, música, artes plásticas; tudo é trabalho e, dentro do discurso da extrema-direita com tendência fascista, a cultura é um inimigo. Só que ao combater este inimigo, já que eles (fascistas) só entendem a escala da economia, eles acabam machucando a economia. A frase (ao fim do filme) é muito bem pensada para lembrar o óbvio. Que é o que você faz quando vive numa situação sem tendências democráticas. (RD)

Crítica

O agente secreto ★★★★★

Achatado pela máquina

Maternidade e paternidade, elementos que condeoram nas tramas de filmes como *Central do Brasil* e *Ainda estou aqui* alimentam a reconstrução emocional do protagonista do mais recente filme de Kleber Mendonça Filho (consagrado melhor diretor no Festival de Cannes): Marcelo (Wagner Moura, contido à perfeição) é um chefe de departamento de pesquisas universitárias em iminente confronto com poderosos, dado que transformará vidas daqueles ao seu redor. Na ciranda de uma roleta-russa, em que se tornará alvo, Marcelo inquietará o destino do filho Fernando e do avô deste (papel do excelente Carlos Francisco), para além da esposa Fatima (Alice Carvalho), numa empreitada ainda movida pela obsessão (sadia) de saber de sua mãe incógnita. Na trama, o Recife serve de refúgio.

Num guardanapo de bar vem o desenho aviltante de um país, sob comando torpe (a ação se passa em 1977): claramente haveria o “Norte” e o “Brasil”. A trama do filme alinhava um quebra-cabeças sofisticado que contempla massacro de violência, redes de solidariedade e uma justiça volante a serviço de acobertamento e traçaças.

Com o personagem do avô projetorista de filmes, o cinema (particularmente, o São Luiz, às margens do rio Capibaribe) é visto como ambiente de resguardo e uma janela para novos mundos, dentro de rico painel de personagens, muitos deles convivendo como refugiados, num núcleo clandestino comandado por Dona Sebastiana (Tânia Maria). Seriam muitas as “pessoas erradas” nos lugares (in)certos. A serenidade aparente é montada por um hábil roteiro que expõe de subornos a uso (de fachada) da máquina estatal, entremeadas por humor, muita angústia e adrenalina. Retrats de elitismo vêm junto com o revolver em memórias e arquivos, num filme com forte carga epistolar.

Numa “época cheia de pirraça”, nos anos 1970, o “tudo em ordem” escutado de um personagem se mostra progressivamente descabido. Logo no começo do filme, uma placa de veículo demarca, em leitura: “Twist de pobre é macumba”. Pontuado por um sincretismo (inclusive, de fundo cinéfilo), o cinema de Kleber Mendonça agrupa, um quadro, a figura de Marilyn Monroe ladeada por Grande Otelo, e tudo rende samba.

Absorvido o risco imposto nas exhibições do clássico *Tubarão* (1975), e acompanhando milimétrico trabalho de Wagner Moura, o espectador, perto do final, entre visagens de maracatus, profetas e poetas de rua, testemunha uma antológica sequência arquitetada à altura de um Hitchcock específico: *O homem que sabia demais* (1956). Ao som entorpecente de pifanos, o fôlego vai aos ares, com o desfecho em andamento de apressada locomotiva. Apoteose pura, num filme de escavação de informações, com manejo à la Brian De Palma. (RD)



Wagner Moura venceu o prêmio de Melhor ator em Cannes